

Elisa Melo de Medeiros

CANTANDO EM COLONIANO:

**Um estudo de uma cantora sobre a aplicação
fonética do dialeto no repertório vocal**

Trabalho de Conclusão de Curso

São Paulo

2020

Elisa Melo de Medeiros

CANTANDO EM COLONIANO:

**Um estudo de uma cantora sobre a aplicação
fonética do dialeto no repertório vocal**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Música, com habilitação em Canto e Arte Lírica.

Orientador: Prof. Dr Ricardo Ballestero.

São Paulo

2020

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Medeiros, Elisa Melo de
As características fonéticas do dialeto de Colônia: um
panorama fonético aplicado ao canto / Elisa Melo de
Medeiros ; orientador, Luiz Ricardo Basso Ballesterio. --
São Paulo, 2020.
55 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Departamento
de Música/Escola de Comunicações e Artes / Universidade de
São Paulo.
Bibliografia
Versão corrigida

1. Fonética 2. Canto 3. Colônia I. Basso Ballesterio, Luiz
Ricardo II. Título.

CDD 21.ed. - 410

Dedico este trabalho a todos aqueles apaixonados pelo canto que, assim como eu, são curiosos o bastante para sempre buscarem “algo mais” em sua performance.

Elisa Medeiros.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo e hoje, em especial, por esta oportunidade de encerrar mais uma etapa da minha vida. Em segundo lugar, agradeço profundamente à minha família pelo apoio e esforço (nunca medido), em especial aos meus pais, irmã e ao meu melhor amigo e esposo por todo o amor, cuidado e amizade que dedicam a mim desde sempre.

Agradeço com carinho aos meus professores, Francisco Campos e Ricardo Ballester, por toda a dedicação e aprendizados.

Agradeço também ao Marcos Vinícius, primeiro pela amizade, segundo por toda a imensurável ajuda que sempre me dedicava.

Também agradeço às queridas professoras Adriana Monteiro, Eliane Tokeshi e Susana Igayara e aos professores Marco Antônio e Roberto Rodrigues, pela acolhida sempre gentil.

Agradeço aos secretários e demais funcionários do departamento de música e a todos os amigos que fizeram os meus anos de graduação serem os melhores possíveis. Agradeço ainda à professora Caiti Hauck, pela disponibilidade.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma maneira, também fizeram parte dessa trajetória.

RESUMO

MEDEIROS, Elisa Melo de. *Cantando em Coloniano*: um estudo de uma cantora sobre a aplicação fonética do dialeto no repertório vocal. 2020, 40p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música) – Departamento de Música, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Resumo: O trabalho apresenta um estudo pessoal sobre o processo de cantar em uma variante não normativa, o dialeto de Colônia, abrangendo variantes linguísticas, exibindo conceitos, tipos e relações entre elas, posteriormente aplicadas ao canto, identificando seus indicadores no repertório e recursos disponíveis. Também aborda as variações dialetais alemãs e suas influências de pontos de vista histórico, linguístico, ortográfico e geográfico. Apresenta o dialeto de Colônia, suas influências, localização e apresentação de sua gramática; então caracteriza o dialeto foneticamente por meio de sons consonantais e vocálicos e, por fim, há a aplicação das características no repertório vocal específico.

Palavras-chave: variantes linguísticas, sociolinguística, Coloniano, dialeto de Colônia, canções colonianas.

SUMÁRIO

Lista de figuras	p. 11
Lista de tabelas	p. 12
Introdução	p. 13
Capítulo 1: As variantes linguísticas	p. 15
1.1 Uma breve introdução	p. 15
1.2 Formas de variação	p. 17
1.3 Como ocorrem as variações	p. 18
1.4 Variantes linguísticas <i>versus</i> Linguagem normativa	p. 19
Capítulo 2: As variantes linguísticas no repertório vocal	p. 21
2.1 A variante normativa na tradição de ensino do canto	p. 21
2.2 Indicadores de variantes linguísticas no repertório vocal	p. 22
2.3 Recursos disponíveis	p. 24
Capítulo 3: As variantes linguísticas na língua alemã	p. 26
3.1 Um breve contexto histórico	p. 26
3.2 Reformas ortográficas na Alemanha	p. 28
3.3 Um breve contexto linguístico	p. 29
3.4 Grandes grupos dialetais	p. 30
Capítulo 4: O dialeto de Colônia	p. 32
4.1 Localização geográfica e influências	p. 32
4.2 A gramática Coloniana	p. 34
Capítulo 5: As características gerais do dialeto de Colônia	p. 36
5.1 Materiais utilizados	p. 36
5.2 Características fonéticas consonantais	p. 37
5.2.1 <i>Auslautverhärtung</i>	p. 37
5.2.2 As muitas possibilidades de pronúncia do /g/ em diferentes contextos	p. 37
5.2.3 As muitas possibilidades fonéticas de segmentos com /ch/	p. 38
5.2.4 A equivalência dos sons /pf//pp//p/	p. 39
5.2.5 Variações que o /v/ pode apresentar dependendo de sua localização na palavra	p. 39
5.2.6 A velarização do /ng/	p. 39
5.3 Características fonéticas vocálicas	p. 40
5.3.1 Vogais longas, curtas e suas variações no dialeto	p. 40
Capítulo 6: Transcrições fonéticas	p. 42
6.1 Métodos utilizados	p. 42
6.2 <i>Och Moder, ich well en ding han!</i>	p. 43
6.3 <i>We Kumm ich dann de Pooz erenn?</i>	p. 48
Conclusão	p. 52
Referências bibliográficas	p. 54

LISTA DE FIGURAS

- Fig. 1 - Reinos Bárbaros (Fonte: DUBY, Georges. Atlas histórico mundial, 1987).... p. 27
- Fig. 2 - Alemanha - Unificação (Fonte: DUBY, Georges. Atlas histórico mundial, 1992) p. 28
- Fig. 3 - Grandes grupos dialetais Germânicos (Fonte:<
<https://almatchboykin.wordpress.com/2017/05/15/high-german-low-german-english-german/>> 2017)p. 30
- Fig. 4 - Mapa linguístico dos dialetos da Alemanha (Fonte:
<<https://sblanguagemaps.wordpress.com/2016/06/12/linguistic-map-of-germany/>>. 2017).....p. 31
- Fig. 5 - Bacia hidrográfica do rio Reno (Fonte:
<<https://www.eurosis.org/cms/index.php?q=node/1094>>)p. 33
- Fig. 6 - Leque Renano (*Rheinischer Fächer*) (Fonte:
<https://www.britannica.com/topic/West-Germanic-languages/German>)..... p. 34

LISTA DE TABELAS

Tab. 1	- <i>Auslautverhärtung</i>	p. 37
Tab. 2	- As muitas possibilidades de pronúncia do /g/ em diferentes contextos.....	p. 38
Tab. 3	- As muitas possibilidades fonéticas de segmentos com /ch/	p. 38
Tab. 4	- A equivalência de sons /pf//pp//p/.....	p. 39
Tab. 5	- Variações que o /v/ pode apresentar dependendo de sua localização na palavra.....	p. 39
Tab. 6	- A velarização do /ng/.....	p. 40
Tab. 7	- Vogais longas, curtas e suas variações no dialeto.....	p. 41

INTRODUÇÃO

O dialeto de Colônia está inserido em um contexto de variantes linguísticas da Alemanha, ligado a fortes fatores sociolinguísticos, históricos e culturais (incluindo musicais). Nesse sentido, o foco do trabalho se concentra no processo de estudo do dialeto de Colônia aplicado ao canto, através de características fonéticas particulares apontadas por meio de pesquisas na área e suas aplicações no preparo da interpretação.

O Coloniano torna-se um dialeto ímpar devido a determinadas características fonéticas e fonológicas que refletem diretamente no repertório vocal ligado à região. Um ponto a ser levado em conta é que nem todas as peças alemãs estão escritas em alemão padrão, muitas obras do repertório apresentam elementos variantes, desde palavras até frases inteiras; além disso, compositores como Johannes Brahms e Felix Mendelssohn, dentre outros, possuem parte de sua obra vocal dedicada ao melódico dialeto de Colônia, tornando esse repertório muitas vezes inacessível. Se por um lado se tem essa dificuldade acerca do conhecimento das variantes linguísticas, por outro, os estudos sobre o assunto estão ganhando cada vez mais espaço, ao mesmo tempo em que corroboram para o acesso a informações de qualidade.

Um trabalho dessa natureza, para o intérprete, representa a busca de uma aproximação sociolinguística e o acesso ao repertório que exige esse tipo de conhecimento, além de expandir as possibilidades de performance. Também esse tipo de investigação é útil para uma maior consciência em relação à linguagem normativa, visto que esse tipo de estudo acaba gerando uma situação comparativa. Já para o público e para os demais intérpretes, esse tipo de pesquisa instiga tanto a reflexão quanto a curiosidade.

Assim, esse trabalho consiste um estudo sobre o dialeto de Colônia, partindo de um ponto de vista de variantes linguísticas, seus conceitos, suas formas, como ocorrem, suas relações com a linguagem normativa e com o repertório vocal, em como se trata a tradição do ensino de variantes no canto e quais são os indicadores e recursos disponíveis para o intérprete interessado. Também aprofunda alguns conceitos relacionados histórica, linguística e ortograficamente às variantes da língua alemã, apontando seus maiores grupos dialetais. Então, apresenta o dialeto de Colônia, localizando-o geograficamente e percebendo suas influências, gramática, características fonéticas consonantais e vocálicas e, por fim, expõe exemplos de transcrições fonéticas aplicados ao repertório de canções colonianas.

O trabalho encontra-se dividido em seis capítulos, que são subdivididos em dezenove sub itens, onde o conceito de “macro para micro” ou seja, mais abrangente para mais específico, juntamente com imagens e tabelas, foi levado em conta de forma a facilitar a compreensão do leitor. O conteúdo desenvolve-se expondo um panorama sobre as variantes linguísticas, em seguida localizando-as nas obras vocais, então identificando-as em processos sociolinguísticos, se atentando ao dialeto de Colônia, o qual suas características são expostas e, por fim, aplicadas ao repertório específico.

CAPÍTULO 1:

VARIANTES LINGUISTICAS

Primeiramente, quando se fala em variantes linguísticas, é necessário apresentar certos termos relacionados à linguística. Como um ponto de partida, apresento o conceito de linguagem, língua e discurso (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 1), como se relacionam (CASACU, 1961 p.20 apud CUNHA; CINTRA, 2008, p. 2) e como são aplicados a uma perspectiva sociolinguística (BELINE, 2002, p. 128). Faço também uma breve exposição dos tipos de variação (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 3), de como ocorrem (BUTTERS, 1971, p. 240) e de como são vistas numa perspectiva variacionista (BELINE, 2002, p. 125-128).

1.1 Uma breve introdução

Como afirmou Saussure (2002 apud BELINE, 2002, p.126), “o ponto de vista cria o objeto”, ou seja, a noção que temos de **linguagem, língua e discurso**, termos um tanto abstratos, impacta diretamente em como vemos o nosso objeto do estudo e, por conseguinte, em como lidamos com ele.

Nesse contexto, **linguagem** pode ser definida como “um conjunto de processos complexos-resultado de uma certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social - que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma língua qualquer” (CUNHA; CINTRA, 2008, p.1). Em outras palavras, a linguagem é um conjunto de sistemas que finda a comunicação entre indivíduos, possuindo um caráter coletivo de valor convencional. Em linguística, o foco se concentra na linguagem falada e na escrita. **Língua** trata de “um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos” (CUNHA; CINTRA, 2008, p.1), que surgiu em meio a uma determinada sociedade e caminha através do tempo, evoluindo junto com ela. **Discurso** pode ser entendido como “a língua no ato, na execução individual” (CUNHA; CINTRA, 2008, p.1), usado de maneira que venha a expressar os pensamentos do falante.

Um ponto a ser levado em consideração é que essa é apenas uma definição de tais termos, de modo que, pessoalmente, cabe uma discussão a respeito, principalmente ao definirmos **Língua** pois, conforme pude observar, não se trata apenas de um sistema gramatical, mas sim de um sistema gramatical somado a outras variáveis, sendo também intimamente ligada a relações de poder e à ideia de identidade. Portanto, proponho a definição de **Língua** como sendo um sistema gramatical, semântico, fonético, fonológico, que abrange ainda outras variáveis específicas que a caracterizam.

Embora sejam termos distintos que designem objetos distintos, todos eles coexistem entre si, e um não existe sem o outro no ato da comunicação. Tatiana Slama-Casacu esclarece quais são as relações que se estabelecem entre os três termos durante a comunicação:

[...] A LÍNGUA é a criação, mas também o fundamento da LINGUAGEM- que não poderia funcionar sem ela -; é, simultaneamente, o instrumento e o resultado da atividade de comunicação. Por outro lado, a LINGUAGEM não pode existir manifestar-se e desenvolver-se a não ser pelo aprendizado e pela utilização de uma LÍNGUA qualquer. A mais frequente forma de manifestação da LINGUAGEM - constituída de uma complexidade de processos de mecanismos de meios expressivos- é a LINGUAGEM FALADA, concretizada no DISCURSO, ou seja, a realização verbal do processo de comunicação. O DISCURSO é um dos aspectos da LINGUAGEM- o mais importante- e, ao mesmo tempo(...) a forma concreta sob a qual se manifesta a LÍNGUA. O discurso define-se, pois, como o ato de utilização individual e concreto da LÍNGUA no quadro do processo complexo da LINGUAGEM. Os três termos estudados-LINGUAGEM, LINGUA, DISCURSO- designam no fundo três aspectos, diferentes, mas estritamente ligados, do mesmo processo unitário e complexo. (SLAMA-CASACU, 1961 apud CUNHA; CINTRA, 2008, p. 2).

“A opção científica de que a língua é um sistema inerentemente variável não exclui a possibilidade de ver a língua como um sistema homogêneo, em que a variação ocupa um lugar não central” (LABOV, 1972 apud BELINE,2002, p.128). Ou seja, língua não é algo unitário, mas sim um complexo conjunto de sistemas que evoluiu ao longo do tempo e que varia em todos os aspectos imagináveis. A partir desse postulado sociolinguístico ou variacionista, têm-se a noção de variação linguística, que consiste em variáveis a níveis fonético, fonológico, sintático, semântico, lexical, entre outros.

Um outro ponto a ser questionado é essa questão da variante linguística ocupar um lugar não central, isso em teoria, pois diariamente, certamente as variações específicas de cada lugar ou situação se mostram mais usuais do que seria uma “variação normativa”, fato facilmente observado no dia a dia de qualquer indivíduo.

Uma outra grande discussão se dá a respeito de quais são os limites da variação e é feita desde o início do século passado (com o advento da sociolinguística)¹. A princípio, pode-se afirmar que a língua varia desde o nível macro (regional, por exemplo) ao micro (individual), e seus limites estão ligados a regras que regem e caracterizam a própria língua: regras de combinação de fonemas, de morfemas, sequência de palavras dentro de uma frase e de frases dentro de um texto. Daí a ideia central de ela ser um fenômeno tanto homogêneo quanto variável.

1.2 Formas de variação

A variação linguística ocorre através de, no mínimo, duas formas de variação: variante **a** *versus* variante **b** (BELINE, 2002). As variantes são utilizadas para atender às necessidades de seu falante e podem ser identificadas em três principais níveis (CUNHA; CINTRA, 2008):

- a) diatópico, que consiste em variações ligadas ao espaço geográfico;
- b) diastrático, que consiste em variações socioculturais; e
- c) diafásico, que consiste em variações expressivas de caráter literário e artístico.

Este trabalho aborda como tema principal um tipo de variação, mais especificamente, a **variação dialetal** ou **dialeto**.

Dialeto refere-se aos "diferentes falares que ela (uma língua) pode apresentar" (BELINE, 2002, p.125). Segundo Manuel Alvar (apud CUNHA; CINTRA, 2008, p.4), dialeto é "um sistema de sinais desgarrado de uma língua comum, viva ou desaparecida; normalmente,

¹ Para uma discussão mais aprofundada, sugiro a leitura de BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística I: Objetos teóricos*. 6ª edição. Editora Contexto, 2002. P. 121-141.

com uma concreta delimitação geográfica, mas sem ser uma forte diferenciação diante dos outros da mesma origem [...] as estruturas linguísticas simultâneas a outras, que não alcançaram a categoria de língua”. Pode-se, também, entender os dialetos como “formas características que uma língua assume regionalmente” (CUNHA; CINTRA, 2008, p.4).

Para Butters (1971, p.1), o **Dialeto** é um fenômeno linguístico gerado por transformações alternativas dentro da gramática. O meio pelo qual eles são interpretados é, portanto, idêntico ao meio pelo qual a interpretação está associada a frases bem formadas. As variantes dialetais são interpretadas, em um senso técnico, como “desvios”. Admitindo-se então essas definições, pode-se concluir que o dialeto, como objeto de estudo, consiste em um fenômeno linguístico característico de uma determinada região (variação diatópica), onde se observa desvios gramaticais próprios, exprimindo um caráter de comunidade de fala.

Uma comunidade de fala é formada por falantes que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo dos outros, comunicam-se relativamente mais entre si do que com outros e compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem. Ou seja, uma comunidade de fala consiste em um agrupamento de falantes que possuem características linguísticas em comum (GUY, 2001 apud BELINE, 2002, p.128).

O conceito de **Dialeto** parece, em um primeiro momento, estar ligado à variação diatópica, contudo, há também que se levar em consideração questões socioculturais e expressivas, de modo que o conceito de dialeto, ao meu ver, faz com que essas classificações se interrelacionem para podermos entender seu verdadeiro significado.

Nesse sentido, ao longo dos meus estudos, compreendo **Dialeto** como uma Língua, de modo que a única diferença entre esses dois conceitos está ligada a fatores extra linguísticos de caráter histórico, político, social, cultural, entre outros, onde no processo de formação de um país se cabia a ideia de uma única língua e, nesse sentido, um dialeto “prevaleceu”, adquirindo o *status* de Língua.

1.3 Como ocorrem as variações

Desde o início do século passado existe uma grande discussão também acerca das normas da “linguagem padrão”, o que seria tido como “correto” e o deliberado uso de variantes.

Nesse contexto, diversos pesquisadores adentraram nesse tema buscando entender como ocorrem as variações linguísticas.

Para começar, é possível estudar a língua de uma determinada comunidade partindo da fala de seus membros, observando o seguinte fato: variantes linguísticas quantitativas estão ligadas à comunidade de fala, enquanto as qualitativas (juntamente com frequência de uso) estão ligadas a fatores qualitativos (sexo, idade, gênero, entre outros) (BELINE,2002, p.130-135).

Também é interessante apontar algumas peculiaridades de algumas comunidades de fala da mesma língua que podem apresentar gramáticas iguais, ou não, levando em consideração os efeitos do contexto linguístico utilizado (BELINE,2002, p.130-135).

No Brasil, tomemos por exemplo a construção da seguinte frase, “(eu) não vou”, comum na região sul e sudeste do país. Tal frase, se fosse construída com a mesma intenção de sentido no nordeste do país, possivelmente seria “(eu) vou não”, isso constitui regras gramaticais diferentes levando em consideração o contexto da **posição** do verbo na frase. Já em se tratando do verbo “ir”, no caso, “vou”, é igual para ambos os casos, desse modo, trata-se de regras gramaticais iguais levando em consideração o contexto de **conjugação** do verbo.

Por último, a variação também pode acontecer pelo uso de regras opcionais da gramática, onde um determinado grupo pode optar pelo uso frequente de uma regra secundária; tal situação, ligada às habilidades de fala básicas, explicam a habilidade de entender outras variantes dialetais (BUTTERS, 1971).

1.4 Variantes linguísticas x linguagem normativa/ padrão

Inicialmente, os estudos em relação ao uso das variantes linguísticas e da linguagem normativa por vezes levavam o pesquisador a defender a aplicação de um ou de outro. Entretanto, o espaço que abrange a questão das interações entre a língua e suas variantes é grande e vem se tornando cada vez maior com o fomento de pesquisas na área. Nesse contexto, a neutralidade ocupa um lugar holista, onde se engloba tanto um universo quanto o outro.

Por certo o linguista, se quisesse, poderia construir uma gramática com um sistema de conjuntos de variações maior, contudo, suas dificuldades seriam maiores do que a capacidade humana de aprendê-la. O limite da variação é definido pela comunicação real, não por uma teoria gramatical impossível. (BUTTERS, 1971, p.252).

Então “sem dúvida nenhuma, para qualquer comunidade linguística, para todo indivíduo falante existe uma unidade de língua, mas esse código global representa um sistema de subcódigos em comunicação recíproca; cada língua abarca vários sistemas simultâneos cada um dos quais se caracteriza por uma função diferente” (JAKOBSON, 1960, apud CUNHA; CINTRA, 2008, p.7); ou seja, em uma língua, natural e inevitavelmente existirá uma variante padrão (ou normativa) e outras demais conforme seus fenômenos. Desse modo, “na linguagem é importante o polo da variedade, que corresponde à expressão individual, mas também o é o da unidade, que corresponde à comunicação interindividual e é garantia de compreensão” (COSERIU, 1956 apud CUNHA; CINTRA, 2008, p.7).

CAPÍTULO 2:

As variantes linguísticas no repertório vocal

As variantes linguísticas no repertório vocal ocorrem em diálogo com a variante normativa (ou variante padrão) da língua, que foi eleita por fatores históricos, sociais, geográficos, políticos, econômicos, dentre outros fatores. A variante normativa serve como referência para cantores estrangeiros e como um padrão para cantores nacionais, mas de diferentes origens. Nesse capítulo, apresento a questão das variantes linguísticas no canto, seus diferenciadores e os recursos disponíveis para o intérprete.

2.1 A variante normativa na tradição de ensino do canto

A dificuldade em se lidar atualmente com as variantes linguísticas no repertório vocal está justamente associada a uma tradição de ensino de canto ligada ao aprendizado da variante normativa das línguas. Isso, por sua vez, é algo extremamente compreensível, dada a infinidade de obras escritas voltada para o canto em vários idiomas e em diversas regiões do globo. Se formos pensar em termos técnicos, é bastante confortável eleger a variação padrão de uma língua, por ela provavelmente ser a mais popular e pela segurança na fluência da mesma.

Todavia, os estudos acerca de variantes linguísticas não normativas estão crescendo e ganhando cada vez mais espaço em meio a linguistas, intérpretes e público (AMARAL, 1976; MARROQUIM, 2008 apud BALLESTERO, 2012 p.218). Ao reconhecer ou conhecer uma variante de uma determinada língua, o leque de possibilidades da performance se estende, e torna o intérprete mais consciente e consistente quanto ao uso do padrão e às diferenças das variantes em relação ao uso de uma determinada língua. Como afirma Ballestero:

Os estudos recentes, de caráter científico, a crescente sensibilização dos intérpretes ao assunto, o estabelecimento de programas de graduação e pós-graduação e, consequentemente, uma capacidade crítica mais apurada em relação a questões linguísticas colaboram para criar novas possibilidades na interpretação da música vocal brasileira (BALLESTERO, 2012, p. 218).

Todavia, mesmo com a escolha consciente de optar pelo uso de uma determinada variante, deve-se tomar um cuidado especial em relação ao seu uso. Existe uma linha muito

tênue entre o que é a aplicação séria e deliberada de uma variante linguística e o que é uma imitação caricatural de um sotaque, sem um estudo aprofundado e embasamento linguístico e científico.

2.2 Indicadores de variantes linguísticas no repertório vocal

Em geral, a identificação de variantes em obras vocais está associada a elementos musicais e textuais, explícita ou implicitamente. Atendendo ao postulado de que a música vocal é constituída de dois elementos: texto e música; então, espera-se que as variações ocorram nas duas esferas. Alguns desses elementos identificadores e exemplos (a) apontados por Ballesterio (2012) são apresentados em seguida, com os quais farei um exercício de aplicação no repertório alemão (b):

1. Presença de palavras diferenciadoras no título e/ou subtítulo de uma obra, com atenção especial a localizações geográficas;
 - a) Cinco Canções **Nordestinas** do Folclore Brasileiro, de Ernani Costa Braga (1888-1948).
 - b) *We kumm ich dann de Pooz erenn, **Kölnisch***, do _____ ciclo _____ de canções *Deutsche Volkslieder mit Klavierbegleitung*, de Johannes Brahms (1833-1897).
2. Ortografia, expressa no texto por meio de variações não normativas;
 - a) “Seu **Manué**, do Riachão
Eu quero lhe **preguntá**”
Desafio, música de Francisco Mignone (1897-1886), texto recolhido por Manuel Bandeira (1886-1968).
 - b) “***Och Mod’r** ich well en Ding han!*”
Der Tochter Wunsch/ Och Moder, ich well en Ding han, _____ do _____ ciclo _____ de canções *Deutsche Volkslieder mit Klavierbegleitung*, de Johannes Brahms (1833-1897).
3. Lexicografia, conteúdo léxico não padrão;

- a) “Assim o índio carregou sua ‘**macuxy**’”

Tamba-tajá: Canção Amazônica, de Waldemar Henrique (1905-1995)

- b) “*We kumm ich dann wahl lans der **Hungk**,*”

We kumm ich dann de Pooz erenn?, do ciclo de canções *Deutsche Volkslieder mit Klavierbegleitung*, de Johannes Brahms (1833-1897).

4. Textos anônimos e recolhidos, com temática popular, de caráter folclórico;

Ex.:

- a) *Beiramar* op. 21, três canções de Marlos Nobre (1939), **Letra: folclore da Bahia**

- b) *Deutsche Volkslieder mit Klavierbegleitung*, de Johannes Brahms (1833-1897).

5. Alusão a formas e estilos de canções e a danças populares, pode significar elementos diferenciadores característicos.

Ex.:

- a) *Boi Bumbá*: **Batuque** Amazônico, letra e música de Waldemar Henrique (1905-1995)

- b) *Tanzlied*, op.78, do ciclo de canções *Vier Duette*, de Robert Schumann (1810-1856)

Em se tratando especificamente de variação dialetal alemã no repertório vocal, é importante salientar que as obras aqui apresentadas foram escolhidas e identificadas usando o critério número 1, quando estão explícitas geograficamente no título ou subtítulo da obra. Também podem estar implícitas em vocábulos característicos, todavia é preciso um conhecimento muito específico e aprofundado sobre a variação, e sobre a música em questão, para fazer uma afirmação que a delimite a um determinado local. Pelos motivos citados anteriormente, consideraremos obras escritas com variantes linguísticas dialetais apenas as que possuírem identificação geográfica, ou dialetal no título ou subtítulo da obra.

2.3 Recursos disponíveis

Em se tratando de variantes linguísticas, ainda há pouco material ligado à metodologia de estudo. Quanto aos recursos disponíveis no preparo da interpretação, devemos, primeiramente, levar em consideração o fato apresentado anteriormente de que as línguas variam e, no caso de variantes linguísticas, é considerada heterogênea.

Assim sendo, estudar os autores de outras épocas permite uma clareza sobre qual era a visão daquele tempo sobre o tema e é um método disponível, contudo, os procedimentos poderiam ter sido por demais genéricos visto que anteriormente não havia critérios rígidos para esse tipo de pesquisa (BALLESTERO, 2012). Um outro procedimento, mais confiável e seguro, a ser utilizado, são os projetos linguísticos que tratam de variantes específicas.

A *Akademie für uns kölsche Sproch*² é uma instituição que faz parte da *SK Stiftung Kultur*. Foi criada em 1983 como símbolo de preservação e promoção do dialeto de Colônia. A instituição se utiliza dos mais diversos meios de incentivo ao dialeto, desde eventos culturais, seminários, peças teatrais, passeios turísticos, até cursos completos de “Coloniano”. O site da academia possui um conteúdo riquíssimo e muito vasto e disponibiliza aos visitantes materiais de natureza visual, dicionário e biblioteca online, além de traduções de canções (coloniano-alemão), materiais fonéticos e linguísticos, além de várias informações sobre o dialeto.

O trabalho desse tipo de instituição é muitíssimo importante para a área do canto, pois possibilita o acesso a informações concisas a intérpretes interessados. Tais recursos são inclusivos, diretos e contextualizados e os dados fornecidos por esse tipo de instituição levam a um método de preparo de obras vocais bem mais consistente e embasado em características próprias bem fundamentadas. Assim, o leque de possibilidades do intérprete aumenta, enquanto os recursos disponíveis se tornam cada vez mais detalhados.

Da mesma forma que é muito comum na performance musical procurar uma aproximação histórica (performance historicamente informada), não seria possível procurar

² Disponível em: <<https://www.koelsch-akademie.de/>>.

uma aproximação geográfica, social ou até mesmo dialetal? (performance linguisticamente informada)?

Nesse caso, o poder de escolha se concentra puramente na mão do intérprete, onde “cabe a cada intérprete refletir sobre a problemática das variantes linguísticas, o que é indicado no repertório específico, como irá proceder no preparo das obras e quais recursos dispõe (...) considero importante que cada artista reflita sobre o quanto esses elementos possam corroborar para uma interpretação mais característica dessas obras e que explore as possibilidades a partir dos recursos disponíveis no presente e futuro” (BALLESTERO, 2012, p.225).

CAPÍTULO 3:

As variantes linguísticas na língua alemã

Em primeiro lugar, antes de entrarmos no assunto dos dialetos alemães, é de importância relevante um breve contexto histórico do que se passou na região da Alemanha ao longo dos anos, a questão das reformas ortográficas e, por fim, como se organizam as estruturas variacionais no país.

3.1 Um breve contexto histórico

Nesse capítulo, apresento um breve resumo da história apontando pontos que elegi como os mais significativos no sentido de compreender melhor as questões linguísticas que permeiam a região da Europa e, mais especificamente, da Alemanha. É convencional considerar que a história europeia entrou na idade média após a queda do império romano, em 476 d.C., e que esse primeiro contato com a história alemã se localiza no período conhecido como alta idade média (séculos V a X). Ao longo dos estudos da história dessa região, pode-se perceber a constante instabilidade econômica e política.

Desde o século IV, as antigas tribos germânicas, os “bárbaros” (Visigodos, Ostrogodos, Vândalos, Lombardos, Francos, Burgúndios, Anglo-saxões, Alamanos, Suevos, dentre outros), empreendiam invasões contra o império romano (Figura 1). Com a queda do Império Romano em 476 d.C., os reinos germânicos ocuparam a região da Gália, península itálica e Norte da África, mas devido à instabilidade política vieram a ruir, exceto o reino dos Francos, mais tarde, Império Carolíngio, depois, Sacro Império Romano (800 d.C) sob o comando de Carlos Magno, que havia assumido o poder em 786 d.C. A decadência do Império veio com a morte de Magno (814 d.C.) e posteriores invasões (por parte de magiares, vikings, eslavos e muçulmanos), fato que culminou com o surgimento do sistema feudal (que foi se estruturando após a queda do império Carolíngio e foi se extinguindo com o renascimento urbano e comercial, no século XVII) e, posteriormente, com o Absolutismo (séculos XVI ao início do século XVIII), que era justificado pela igreja católica da época. (SILVEIRA, TUBERTINI; MARINHO, 2020. p.14-15).

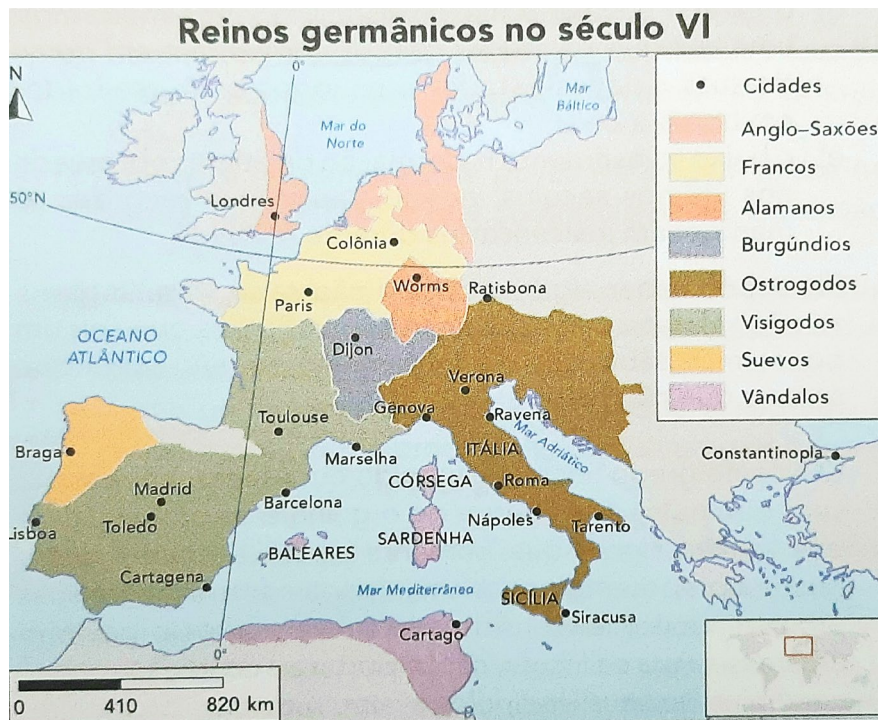


Fig. 1 - Reinos Bárbaros.

Em 1517 eclodiu a reforma protestante, onde o monge Martinho Lutero traduziu a bíblia para o Saxão (dialeto do norte da Alemanha) e recebeu apoio de diversos governantes da porção que abrange a atual Alemanha (SILVEIRA, TUBERTINI; MARINHO, 2020.p.3). Até o início do processo de unificação da Alemanha, vários acontecimentos marcaram a Europa, como o iluminismo (século XVII ao fim do século XVIII), revolução francesa (1789 a 1799), era napoleônica (1799 a 1814), entre diversas outras mudanças significantes no âmbito político, social, econômico e cultural. Mas foi apenas no final século XIX que a Alemanha viria a se unificar; esse processo iniciou-se com o patrocínio da burguesia, somado aos impulsos dos movimentos nacionalistas que marcaram a época.

A política das nacionalidades teve liderança da Prússia, através das estratégias de Bismarck (primeiro ministro da Prússia) que uniam a prática militar à política do *Zollverein* (união alfandegária) (Figura 2). Depois, a Prússia aliou-se com a Áustria (guerra dos Dois Ducados, em 1864) para conquistar as regiões habitadas por outros povos germânicos. Depois da guerra, Áustria e Prússia entraram em conflito, onde esta teve êxito. Contudo, nem todos os estados reconheciam a hegemonia prussiana, então Bismarck estimulou a montagem política de um conflito que unisse os estados germânicos, onde simulou uma

ameaça francesa e posteriormente houve uma guerra civil que levou à unificação total. (SILVEIRA, TUBERTINI; MARINHO, 2020.p.53-54).

Ainda nesse cenário têm-se a possibilidade de coroação de um príncipe germânico ao trono da Espanha, rejeitada pela França, que temia ficar cercada por um império germânico. Nesse cenário, ocorreu a guerra Franco-Prussiana, que culminou, em 1871, na unificação da Alemanha e na queda do segundo império francês. Após, Guilherme I (rei da Prússia) inaugurou o segundo *Reich* (1871), consolidando a unificação política. (SILVEIRA, TUBERTINI; MARINHO, 2020.p.53-54).

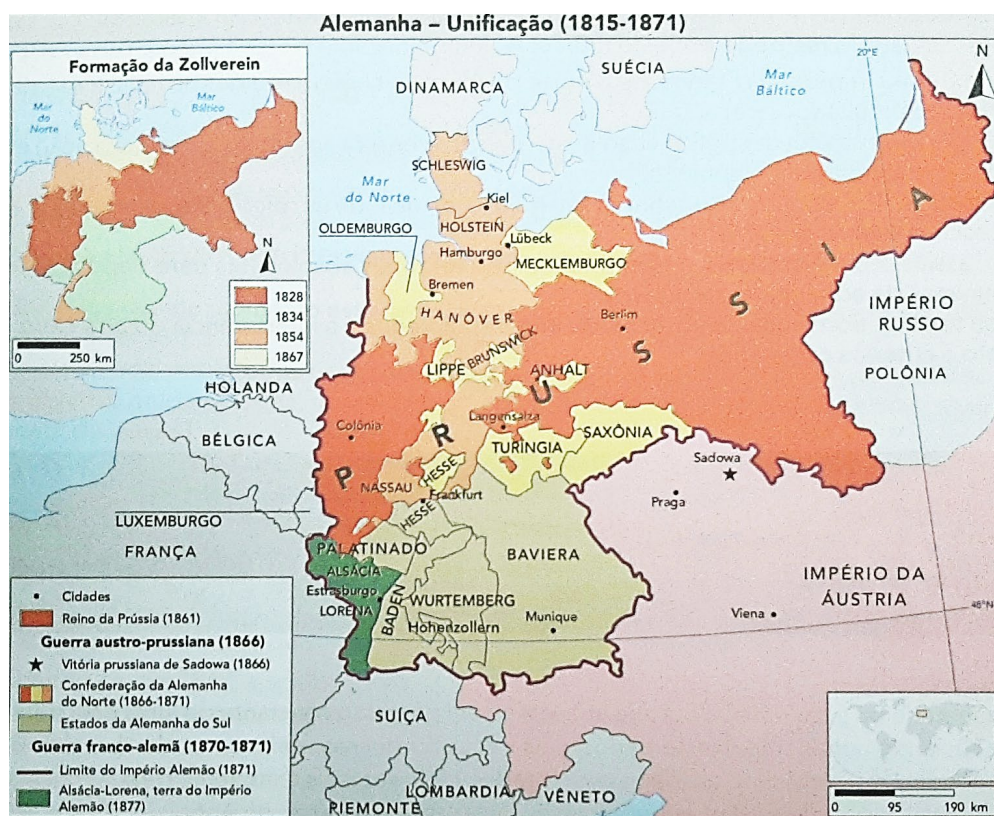


Fig. 2 - Formação da União Alfandegária (Zollverein).

3.2 Reforma ortográfica na Alemanha

Até a segunda metade do século XIX, não havia norma ortográfica padrão para o alemão, poucos sabiam escrever, e existiam muitas variantes linguísticas dialetais, de modo que

cada região optava pelo seu próprio modo de escrita, devido a questões históricas, políticas, culturais, dentre outros aspectos³. Apenas após a unificação da Alemanha, onde, com a fundação dos estados e o melhor acesso à educação, o ministro da cultura da Prússia convocou, em 1876, a primeira conferência ortográfica a fim de introduzir maior unidade à língua, contudo, ela terminou sem resultados. Os reformistas defendiam o princípio fonético para “escrever como se fala”, mas a maior parte dos estados o rejeitou (MÖDERLER).

Depois, em 1880, o professor Konrad Duden publicou o primeiro dicionário ortográfico alemão e, em 1901, em Berlim, a segunda conferência ortográfica foi organizada e alcançou-se consensos mínimos, então um ano depois foi ratificado pelo Bundesrat (ou Bundesrath). Somente em 1994 foi proposto, com sucesso, uma nova série de normas, assim, a reforma ortográfica foi estabelecida e, apesar de vários ataques e rejeições, oito países assinaram a favor da reforma, que foi aplicada em 1996 (MÖDERLER).

3.3 Um breve contexto linguístico

É perceptível, observando-se a história do país, que a Alemanha enfrentou diversos períodos de instabilidade e descentralização política e de poder. Antes da unificação, o que existia eram reinos germânicos que não falavam o mesmo idioma, e sim vários dialetos, com as suas particularidades linguísticas, que eram próximos, ou não, entre si, de raiz linguística germânica (MÖDERLER). Após a unificação do país, foi instituída uma reforma ortográfica a fim de unificar o alemão como língua, resultando no Alemão padrão como conhecemos hoje. Contudo, o contexto linguístico de cada região é específico, de forma que é impossível ignorar a influência dos dialetos, que estão presentes e são utilizados até hoje nas diferentes regiões do país.

Um fato interessante a ser levado em consideração, é que o conceito de dialeto faz alusão a uma situação em que uma língua soberana sofreu processos de variações específicas ao longo do tempo. Todavia no que diz respeito aos dialetos alemães, esse conceito não é muito assertivo,

³ Lutero foi o primeiro a se utilizar de uma aproximação da língua alemã unificada, por assim dizer, ao traduzir a bíblia para o Saxão em linguagem acessível. Já o primeiro manual de normas ortográficas da língua alemã foi escrito em 1782 pelo filósofo e linguista Johann Christoph Adelung (1732-1806), baseado nas regras que Lutero havia adotado para a sua tradução. Nas suas normas, Adelung se utilizou de combinações de consoantes e vogais para representar os sons falados e definiu uma forma escrita para cada palavra. Esses trabalhos serviram de base para a posterior unificação ortográfica da língua alemã (MÖDERLER).

visto que eles já existiam com suas particularidades muito antes das regiões se unificarem como país, e o fato de só ter ocorrido uma reforma ortográfica para a unificação da língua anos mais tarde após a unificação do território reforça essa tese. A junção dos dialetos fundou a língua, não o contrário.

3.4 Grandes grupos dialetais

Linguisticamente, o território que abrange a atual Alemanha pode ser dividido em três grandes grupos, de acordo com sua localização geográfica (Gemmill, 1976) (Figura 3):

1. Baixo alemão, abrange o Norte, a porção litorânea;
2. Médio alemão, abrange a região central, de planície; e
3. Alto alemão ou Austro-bávaro, abrange a região sul, a porção montanhosa.



Fig. 3 - Grandes grupos dialetais germânicos

Esses grupos linguísticos, por sua vez, estão subdivididos em classes dialetais mais abrangentes que, por sua vez, subdividem-se em dialetos mais específicos. Os mapas a seguir apontam os três grandes grupos com suas principais subdivisões dialetais.

De acordo com as informações dadas anteriormente e mapas apresentados, podemos propor uma interpretação para entender as divisões dialetais, mas deve-se lembrar que essas classificações levam em conta tanto fatores geográficos, quanto influência de outros dialetos, assim como quesitos linguísticos e extra linguísticos. Tem-se os grandes grupos dialetais (baixo alemão, médio alemão e austro-bávaro ou alto alemão), que por sua vez, subdividem-se em dialetos ou classes dialetais específicas que, por sua vez, podem se subdividir em outros dialetos (Figura 4).

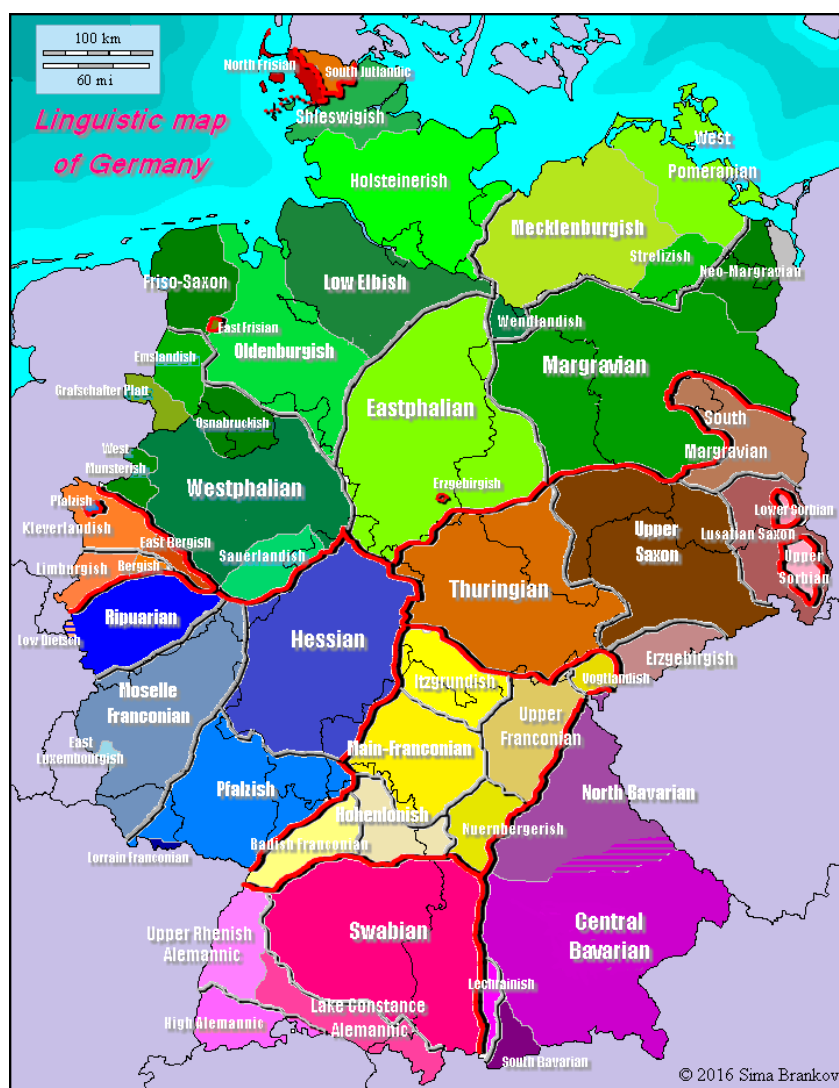


Fig. 4 - Mapa linguístico dos dialetos da Alemanha.

CAPÍTULO 4:

O dialeto de Colônia

O Coloniano, *Kölsch* ou *Kölnisch*, é um dialeto singular por suas características marcantes e seu caráter melódico. Desse modo, este capítulo trará sua localização geográfica e influências (GEMMILL, 1976), bem como algumas informações sobre a sua gramática (HERRWEGEN). Apesar da adoção do ensino do *Standard German* (alemão padrão/normativo) nas salas de aula da cidade de Colônia, na vida cotidiana e, principalmente, entre os mais velhos, o Coloniano está bastante presente (WASSERRAB, 2016).

4.1 Localização geográfica e influências

A cidade de Colônia (*Köln*) está localizada na porção central da Alemanha (médio alemão), na região da Renânia (próximo ao rio Reno) (Figura. 5), que possui influência dos dialetos Ripuário e Vestfaliano. Contudo, de acordo com Gerda Gemmill (1976, p.129-131) o Coloniano possui várias características equivalentes aos dialetos do baixo alemão, sendo inclusive mais próximo dos dialetos do norte do que dos da porção leste do médio alemão, mas o que o torna extremamente peculiar, é o fato de ele conter características de dialetos do oeste tanto do baixo alemão quanto do austro-bávaro, além de inúmeros casos linguísticos específicos.

Acredito que o fato do rio Reno cortar a região de norte a sul, impulsionando o desenvolvimento do comércio, foi um fator que certamente contribuiu para essa mescla de influências do dialeto.



Fig. 5 - Bacia hidrográfica do rio Reno.

Nesse contexto, é interessante ressaltar que as consoantes plosivas tem um papel significativo na dialetografia alemã. De acordo com Gerda Gemmil (1976, p.129), algumas das subdivisões dialetais citadas anteriormente são baseadas na transformação de consoantes plosivas em fricativas ou africadas. Por exemplo, no baixo alemão, consoantes plosivas permanecem inalteradas, já em outros dialetos, que participam dessa mudança, pertencentes ao médio alemão (do leste ou oeste), a mudança se ramifica de acordo com características próprias.

Na sequência, é interessante observar o mapa representativo Leque Renano (*Rheinischer Fächer*) (Figura 6), que consiste na subdivisão do centro-oeste alemão em uma série de dialetos, de acordo com a extensão diferente da mudança da consoante plosiva do alto alemão, onde é particularmente pronunciada. Contudo, os grupos linguísticos que abrangem os dialetos alemães não são imutáveis. A língua é bem mais dinâmica do que as isoglossas (GEMMILL, 1976), de modo que delimitar um grupo maior para um determinado dialeto é insustentável e passa a ser uma mera referência geográfica. Sendo assim, o que se leva em consideração são as mudanças ou características mais importantes do dialeto (ou grupo de dialetos).



Fig. 6 - Leque Renano (*Rheinischer Fächer*).

Por exemplo, o próprio dialeto de Colônia compartilha parte do alto alemão, mas mantém várias características do baixo alemão; “isoglossamente”⁴, ele está localizado no médio alemão do oeste, mas é mais parecido com os dialetos do baixo alemão do que com os dialetos do médio alemão do leste (GEMMILL, 1976), de forma que seria impossível traçar com precisão uma linha divisória para delimitar essas zonas de influência. Desse modo, o intuito do trabalho não é o de apontar onde o dialeto de Colônia se encaixa linguisticamente, mas apresentar suas características fonéticas.

4.2 A Gramática Coloniana

Primeiramente, em se tratando do dialeto de Colônia, é interessante apresentar o fato de que o *Kölsch* experimentou um aumento em relação ao seu número de falantes nos últimos anos, o que é um afortunado feito, levando em consideração que falar *Kölsch* corretamente é

⁴ Isoglossa: linha que, num mapa linguístico, indica as áreas em que se concentram determinados traços linguísticos; pode ser fônica, morfológica, léxica ou sintática, de acordo com a natureza do elemento linguístico focalizado (GEMMILL, 1976).

um desafio, pois além de ser um dialeto bastante específico, muitas vezes as informações divulgadas pelas mídias não condizem com as características do dialeto (HERRWEGEN). É certo que o alemão padrão e o dialeto de Colônia se influenciam mutuamente na região da Renânia, mas alguns processos decorrentes dessa influência vêm descaracterizando o dialeto, de modo que as influências do *Standard German*⁵ vêm afetando o Coloniano (HERRWEGEN).

A gramática *De kölsche Sproch*, de Alice Herrwegen, que foi publicada em 2002 e reeditada em 2017, leva em consideração os fenômenos gramaticais mais importantes do Coloniano, estando escrita em duas línguas, por assim dizer: em *Kölsch* para os falantes de *Kölsch* e em Alemão para os demais. Além da pronúncia básica do dialeto de Colônia, a *kölsche Sproch* apresenta a seus leitores características próprias do dialeto em relação ao caso genitivo, conjuntivo e à conjugação de verbos, bem como ao vocabulário básico (HERRWEGEN).

Um outro material muito relevante para os estudiosos do *Kölsch* é o *Die kölschen Schreibregeln* (as regras de redação/escrita do Coloniano), de Christa Bhatt, onde há a descrição de regras de escrita baseadas nas raízes das palavras e oferece um auxílio de orientação para a grafia do *Kölsch*.

Tais regras são principalmente sobre rastreabilidade e maior consistência possível, dando ao leitor uma ideia do porquê uma palavra é escrita daquela forma em Coloniano, oferecendo auxílio e orientação para aqueles que desejarem se expressar por escrito no dialeto de Colônia, mas não tem a intenção de ser um regulador (BHATT)

Ja em termos de dicionário⁶, para o dialeto de Colônia têm-se o *Das Kölsche Wörterbuch*, publicado por Christa Bhatt e Alice Herrwegen em 2009, que consiste em um guia para a ortografia básica do Coloniano, foneticamente orientado pelo alfabeto fonético internacional, reunindo vocábulos históricos e atuais.

⁵ Um exemplo de tal processo é identificado em alguns casos, onde para algumas palavras em *Standard German* não há equivalentes no *Kölsch*, dessa forma, aplica-se automaticamente a pronúncia coloniana na palavra alemã. (BHATT)

⁶ Em se tratando de variantes do alemão há diversos dicionários, como o *Variantenwörterbuch des Deutschen* (Dicionário de variantes do alemão) e o *Bayerisches Wörterbuch* (Dicionário de Bávaro), por exemplo.

CAPÍTULO 5:

As características gerais do dialeto de Colônia

É fato que o dialeto de Colônia se diferencia do alemão normativo a nível gramatical, fonético, fonológico, lexical, dentre vários outros aspectos. Contudo, é de suma importância salientar que as características aqui apresentadas são a nível **fonético**, ou seja, constituem-se na interpretação de fonemas baseado no vocabulário específico do dialeto de Colônia. Desse modo, o trabalho não busca uma comparação entre o alemão padrão e o dialeto de Colônia, mas sim apontar algumas características fonéticas do dialeto. Assim, optou-se por apresentar os materiais utilizados e as características fonéticas consonantais e vocálicas.

Em se tratando de um ponto de vista fonológico, o dialeto de Colônia possui várias características interessantes, dentre elas encontra-se o seu caráter melódico, a particular articulação e duração das vogais, que, somadas, adentram na questão do *Schärfung*⁷ Coloniano, que afeta a duração, o contraste, a tonicidade e o decaimento das sílabas. (GUSSENHOVEN, 2004).

5.1 Materiais utilizados

A descrição das características fonéticas do dialeto de Colônia aqui apresentadas foram baseadas nos seguintes materiais: *The Derivation of Underlying Stops in Cologne Dialect*, de Gerda Gemmill (1976), que utilizou métodos fonêmicos e traços distintivos; *A Tonal analysis of Cologne Schärfung*, de Gussenhoven e Peters (2004), que se utilizaram de análises tonais; e também no próprio material online da *Akademie für uns kölsche Sproch* : um artigo aparentemente baseado na gramática *kölsche Sproch*, um outro artigo aparentemente baseado no livro *Die kölschen Schreibregeln, o Kölsche Liedersammlung* (coleção de canções Colonianas), o dicionário online, entre outros recursos.

⁷ “*Schärfung* [...] é o termo tradicional para um membro de uma oposição fonológica lexical em um grupo de dialetos alemães, do qual o dialeto de colônia é representativo” (GUSSENHOVEN; PETERS, 2004, p 251, tradução nossa).

Para uma melhor compreensão e um acesso mais rápido ao conteúdo, optou-se pelo uso de tabelas. A organização das tabelas segue os seguintes parâmetros: **Nome** (apresenta o caractere ou segmento da forma como é escrito em *Kölsch*), **Situação** (como o segmento está posicionado na palavra *Kölsch*), **Pronúncia** (como se pronuncia, em *Kölsch*, aquele determinado segmento naquela determinada situação), **Exemplo** (um exemplo do vocabulário do *Kölsch*) e, por fim, **transcrição fonética**, (transcrição feita por mim com base na aplicação da característica em questão).

5.2 Características fonéticas consonantais

As principais peculiaridades percebidas no dialeto de Colônia encontram-se nas várias possibilidades fonéticas que um segmento pode adquirir dependendo de seu posicionamento na palavra. Os sons consonantais característicos são: *Auslautverhärtung*, /g/, /ch/, /pf//pp//p/, /v/ e /ng/.

5.2.1 *Auslautverhärtung*,

O *Auslautverhärtung*, ou “endurecimento final” é um fenômeno fonético que consiste em, no final de palavras, transformar consoantes plosivas sonoras em surdas. Esse traço característico aproxima linguisticamente o dialeto de Colônia do baixo alemão (GEMMILL, 1976, p. 129) e do *Standard Deutsch*.

Situação	Pronúncia	Exemplo	Transcrição
Consoante plosiva sonora no final da palavra	[consoante plosiva surda]	Wod Kind	[vɔt] [kɪnt]

Tab. 1 – *Auslautverhärtung*.

5.2.2 As muitas possibilidades de pronúncia do /g/ em diferentes contextos

Os fonemas relativos à consoante /g/ podem variar dependendo de sua localização na palavra e das vogais ou consoantes que o precedem ou procedem.

Situação	Pronúncia	Exemplo	Transcrição
/gg/ na palavra	[g]	zi gg ig	[tsɪgɪç]
no fim da palavra	[k]	hü g	[hyk]
No início da palavra e no início de sílabas após vogais altas (e, i)	[j]	g od flee g e	[jot] [fle:jə]
Após vogais baixas (a, o, u) em sílabas átonas	[r]	gef l oge	[jeflo:rə]
No fim da sílaba, após vogais altas (e, i)	[ç]	fuffzi g	[foftsiç]
No fim da sílaba, após vogais baixas (a, o, u)	[x]	da g	[da:x]
Em alguns casos isolados de /g/ no fim da palavra	[ʃ]	drü g	[dry:ʃ]

Tab. 2 – As muitas possibilidades de pronúncia do /g/ em diferentes contextos.

5.2.3 As muitas possibilidades fonéticas de segmentos com /ch/

Os fonemas relativos a /ch/ podem variar dependendo da desinência na qual está inserido, variando em relação às vogais e consoantes que o precedem.

Situação	Pronúncia	Exemplo	Transcrição
Na desinência -lich, como adjetivo	[ç] [j]	herr l iche	[hɛrlɪçə] [hɛrlɪjə]
Na desinência -che, depois de [f], [s], [ʃ]	[jə]	Lee v che	[le:fjə] *radical: Leev [le:f]
Na desinência -che, depois de [p], [t], [k], [m]	[ɸ̥ ⁸ ə]	Drö pp che Fle ck che	[drœpɸ̥ə] [flɛkɸ̥ə]
Na desinência -che, depois [n], [ŋ], [l], [v] u. vogal	[ɸ̥ə]	Männ n che Häng g che	[mɛnɸ̥ə] [xɛŋɸ̥ə]

⁸ Fonema específico de dialetos germânicos, consiste em [ɸ̥⁸ə]

No segmento /chs/, em qualquer circunstância	[ks]	nö ch ste	[nø:kstə]
/sch/ No meio da palavra	[ʒ]	ku sch ele	[kuʒelə]
Após vogal longa	[ç] ou [x]	Rää ch Na ach	[rɛ:ç] [na:x]

Tab. 3 – As muitas possibilidades fonéticas de segmentos com /ch/

5.2.4 A equivalência dos sons /pf//pp//p/

No dialeto de Colônia não existe o fonema [pf], de modo que, em qualquer circunstância, seja /pf/ /pp/ ou /p/, as formas compartilham o mesmo som fonético.

Situação	Pronúncia	Exemplo	Transcrição
Qualquer circunstância	[p]	hö pp e	[høpə]

Tab. 4 – A equivalência dos sons /pf//pp//p/.

5.2.5 Variações que o /v/ pode apresentar dependendo de sua localização na palavra

O som do /v/ pode variar de acordo com sua localização, no meio ou fim da palavra, com a observação que esse critério também é válido para palavras compostas.

Situação	Pronúncia	Exemplo	Transcrição
No meio da palavra	[v]	Grav e	[jɾavə]
No fim da palavra	[f]	Grav v Leev che	[jɾaf] [le:fjə]

Tab. 5 – Variações que o /v/ pode apresentar dependendo de sua localização na palavra

5.2.6 A velarização do /ng/

De um modo geral, têm-se esse fonema velarizado em qualquer circunstância.

Situação	Pronúncia	Exemplo	Transcrição
Em qualquer circunstância	[ŋ]	Hu ng k	[h u ŋk]

Tab. 6 – A velarização do /ng/

5.3 Características fonéticas vocálicas

O coloniano, de fato, é um dos dialetos que mais possuem variações de sons vocálicos e suas diferenças não se dão somente pela grafia ou por normas fonéticas. De um modo geral a principal e primordial diferença entre os sons vocálicos se encontra na duração, desse modo, é bastante difícil apontar com precisão tais características em relação aos sons vocálicos. Nesse contexto, Volker Gröbe, da *Akademie für uns kölsche Sproch*, em entrevista a Wasserrab (2016) exemplifica:

Kölsch é uma das línguas com mais vogais [...] No alemão padrão, o "o" pode ser aberto e breve ou fechado e longo. [...] Mas o dialeto de Colônia tem, além desses, um "o" longo e aberto e outro fechado e curto. No caso da palavrinha *Jold*, ou seja, *Gold* ("ouro"), a pronúncia da vogal começa no "o" e termina no "u", Lítania renana. (WASSERRAB, 2016).

Todavia, apesar dos empecilhos citados, há algumas características facilmente identificáveis na escrita do *Kölsch*, que expõe de um modo geral como se dão os sons vocálicos do dialeto de Colônia.

5.3.1 Vogais longas, curtas e suas variações no dialeto

Uma forma bastante fácil de identificar a duração de uma vogal, é o modo como está escrita em *Kölsch*. De maneira prática, vogais duplicadas são longas e vogais (incluindo as mistas) antes de consoantes duplicadas, /sch/, /g/, [r], [x], [ʃ] e [j] são curtas (BHATT). Todavia, a questão da duração das vogais no *Kölsch* é bastante particular do dialeto, Christa Bhatt descreve que as vogais podem ter duração igual, maior, ou menor do que o alemão padrão, dependendo da palavra.

Em alguns casos, há mais de uma maneira de interpretar o mesmo fonema, alguns deles estão apresentados na tabela abaixo. Contudo, devido à falta de informações mais concisas a respeito dos **sons vocálicos** do *Kölsch* e suas especificidades⁹, devido não ter tido acesso à guias sonoras de falantes nativos, optamos por adotar a pronúncia do Alemão Normativo para os demais sons vocálicos que não estiverem descritos na tabela.

Situação	Pronúncia	Exemplo	Transcrição
Vogal duplicada	[vogal longa :]	Kraache Kääz	[kra:çə] [kɛ:ts]
Antes de consoante duplicada, /sch/, /g/, [r], [x], [ʃ], [j]	[vogal curta]	Ovve suffe Dönn	[ofə] [zufə] [døn]
Variações: /oo/ /öö/ /üü/ /eu/ /au/ /ai//ei/	[ɔ:] [ø:], [œ:] [y:], [œ:] [øʏ] [oo] [eɪ]	looße Föör Drüüv Neu Baum Klein	[lɔ:sə] [fœ:v] [dry:f] [nøʏ] [boom] [kleɪn]

Tab. 7 – Vogais longas, curtas e suas variações no dialeto.

⁹A tabela de sons vocálicos encontra-se no site da *Akademie für uns kölsche Sproch*, disponível em:<
https://www.koelsch-akademie.de/fileadmin/_processed_/b/3/csm_Vokale_kpl_fabb8e5693.jpg>.

CAPÍTULO 6:

Transcrições Fonéticas

Conforme vimos anteriormente, o Coloniano é um dialeto riquíssimo, com gramática, fonética e fonologia próprias e, nesse sentido, há uma ampla variedade de obras vocais escritas no e para o *Kölsch*. É importante observar que, apesar das características aqui apresentadas serem concisas, é fato que seria contestável afirmar que tal trabalho de transcrição é exato pois, conforme vimos anteriormente, ao longo da discussão, o dialeto de Colônia possui várias variáveis e exceções. Decerto, as transcrições fonéticas aqui demonstradas são uma sugestão, embasadas nos artigos e conteúdos disponíveis.

6.1 Métodos utilizados

Aqui serão apresentadas as transcrições fonéticas de duas obras vocais; para isso, utilizou-se os seguintes materiais: textos originais em *Kölsch* das partituras utilizadas, tabelas do capítulo anterior, tradução¹⁰, gravações¹¹, material disponível online no site da *Akademie für uns kölsche Sproch*¹² e o alfabeto fonético internacional.

O processo se deu fazendo primeiramente as transcrições fonéticas, primeiro do texto em Coloniano, com o auxílio das tabelas do capítulo anterior e da gravação de Christa Ludwig (2003), depois do texto em Alemão normativo, com o auxílio do alfabeto fonético internacional e da gravação de Diana Damrau (2008). Em seguida houve um processo de “preencher” algumas lacunas fonéticas do texto *Kölsch*, para isso, fiz uso do alfabeto fonético internacional e optei pela equivalência da duração dos sons vocálicos não descritos nas tabelas.

¹⁰ A tradução foi feita por mim a partir da tradução dos textos em Inglês, disponíveis no site da Oxford lieder, em: < <https://www.oxfordlieder.co.uk/song/256> >, < <https://www.oxfordlieder.co.uk/song/802> >.

¹¹ THE very best of Christa Ludwig. Johannes Brahms et al.(compositores) Christa Ludwig et al.(intérpretes). CD Faixas 18 e 19. EMI Records 2003.

DAMRAU, Diana; DEUTSCH, Helmut. Wie komm ich denn zur Tür herein. Compositor: Johannes Brahms. In: DAMRAU, Diana; DEUTSCH, Helmut. Lieder. Orfeo, 2008. 1 CD. Faixa 26.

¹² Disponível em < https://www.koelsch-akademie.de/fileadmin/_processed_/b/3/csm_Vokale_kpl_fabb8e5693.jpg >.

Um exemplo seria “*haben*” [ha:bən] (Alemão Normativo) e sua equivalente *Kölsch* “*han*”, [ha:n]. Por não ter regras descritas quanto a duração da vogal em Coloniano, optou-se por usar a mesma duração da vogal da sua palavra equivalente em Alemão normativo.

Para facilitar a compreensão e permitir uma análise mais clara em termos de comparação, as peças são transcritas verso por verso com o seguinte esquema:

Tradução para o Português

Texto original (em Coloniano)

[Transcrição fonética do texto original (em Coloniano)]

Tradução para o alemão normativo

[Transcrição fonética da tradução (em alemão normativo)]

6.2 “Och, Moder, ich well en Ding han!”

33°. *Och Moder, ich well en Ding han,* *Kölnisch* do ciclo de canções *Deutsche Volkslieder mit Klavierbegleitung*, de Johannes Brahms (1833-1897).

Título

Oh, Mãe, eu quero ter uma coisinha

Och Moder, ich well en Ding han

[ɔx modɐ ɪç vɛl e:n dɪŋ ha:n]

Ach, Mutter, ich will ein Ding haben!

[ax mʊtɐ ɪç vɪl aen dɪŋ ha:bən]

1º verso

Oh, Mãe, eu quero ter uma coisinha!

Och Mod'r, ich well en ding han!

[ɔx modɾɪç vɛl e:n dɪŋ ha:n]

Ach, Mutter, ich will ein Ding haben!

[ax mʊtɐ ɪç vɪl aen dɪŋ ha:bən]

“Que tipo de coisa, criança do meu coração?”

"Wat för en Ding, ming Hetzenskind?"

[vat fœ:v e:n dɪŋ mɪŋ hɛtsenskɪnt]

"Was für ein Ding, mein Herzenskind?"

[vas fy:v aen dɪŋ maen hɛtsenskɪnt]

“Uma coisinha, uma coisinha!”

"en Ding, en Ding!"

[e:n dɪŋ e:n dɪŋ]

Ein Ding, ein Ding!

[aen dɪŋ aen dɪŋ]

“é uma boneca que você quer?”

"Wells de dann e Pöppchen han?"

[vɛls de: dan e: pœpʃən ha:n]

"Willst du denn ein Püppchen haben?"

[vɪlst du: den aen pʏpçən ha:bən]

Não, mãe, não!

Nä, Moder, nü!

[nɛ: modɐ nɛ:]

"Nein, Mutter, nein!"

[naen mʊtɐ naen]

Você não é uma boa mãe,

Ehr sitt kein gode Moder,

[ɛɐ zɪt kaen jo:də modɐ]

Ihr seid keine gute Mutter,

[ɪɐ zajt kaenə gu:tə mʊtɐ]

Você não sabe o que é uma coisinha,

Ehr künnt dat Ding nit rode!

[ɛɐ kynt dat dɪŋ nɪt ro:də]

Ihr könnt das Ding nicht raten!

[ɪɐ kœnt das dɪŋ nɪçt ra:tən]

A coisinha que sua criança quer.

Wat dat Kind förn Ding well han,

[vat dat kɪnt fœɐn dɪŋ vɛl ha:n]

Was das Kind für ein Ding will haben,

[vas das kɪnt fy:ɐ aen dɪŋ vɪl ha:bən]

Coisinhainhacoisinha.

Ding der lingding ding!

[dɪŋ dɛrlɪŋ dɪŋ dɪŋ]

Dingerling, dingding, ding!

[dɪŋgɛrlɪŋ dɪŋdɪŋ dɪŋ]

2º verso

Oh, Mãe, eu quero ter uma coisinha!

Och Mod'r, ich well en ding han!

[ɔx modrɪç vɛl e:n dɪŋ ha:n]

Ach, Mutter, ich will ein Ding haben!

[ax mʊtɐ ɪç vɪl aen dɪŋ ha:bən]

“Que tipo de coisa, criança do meu coração?”

"Wat för en Ding, ming Hetzenskind?"

[vat fœ:ɐ̯ e:n dɪŋ mɪŋ hɛtsenskɪnt]

"Was für ein Ding, mein Herzenskind?"

[vas fy:ɐ̯ aen dɪŋ maen hætsenskɪnt]

Uma coisinha, uma coisinha!

"en Ding, en Ding!"

[e:n dɪŋ e:n dɪŋ]

Ein Ding, ein Ding!

[aen dɪŋ aen dɪŋ]

“é um anel que você quer?”

"Wells de dann e Ringelchen han?"

[vɛls de: dan e: rɪŋlɪçən ha:n]

"Willst du denn ein Ringelchen haben?"

[vɪlst du: den aen rɪŋçel ha:bən]

Não, mãe, não!

Nä, Moder, nü!

[nɛ: modɐ nɛ:]

"Nein, Mutter, nein!"

[naen mʊtɐ naen]

Você não é uma boa mãe,

Ehr sitt kein gode Moder,

[ɛɐ̯ zɪt kaen jo:də modɐ]

Ihr seid keine gute Mutter,

[ɪɐ̯ zajt kaenə gu:tə mʊtɐ]

Você não sabe o que é uma coisinha,

Ehr künnt dat Ding nit rode!

[ɛɐ̯ kynt dat dɪŋ nɪt ro:də]

Ihr könnt das Ding nicht raten!

[ɪɐ̯ kœnt das dɪŋ nɪçt ra:tən]

A coisinha que sua criança quer.

Wat dat Kind förn Ding well han,

[vat dat kɪnt fœɐ̯n dɪŋ vɛl ha:n]

Was das Kind für ein Ding will haben,

[vas das kɪnt fy:ɐ̯ aen dɪŋ vɪl ha:bən]

Coisinhainhacoisinha.

Dingderlingdingding!

[dɪŋ dɛrlɪŋ dɪŋ dɪŋ]

Dingerling, dingding, ding!

[dɪŋgɛrlɪŋ dɪŋdɪŋ dɪŋ]

3º verso

Oh, Mãe, eu quero ter uma coisinha!

Och Mod'r, ich well en ding han!

[ɔx modɾɪç vɛl e:n dɪŋ ha:n]

Ach, Mutter, ich will ein Ding haben!

[ax mʊtə ɪç vɪl aen dɪŋ ha:bən]

“Que tipo de coisa, criança do meu coração?”

"Wat för en Ding, ming Hetzenskind?"

[vat fœ:v e:n dɪŋ mɪŋ hɛtsenskɪnt]

"Was für ein Ding, mein Herzenskind?"

[vas fy:v aen dɪŋ maen hætsenskɪnt]

Uma coisinha, uma coisinha!

"en Ding, en Ding!"

[e:n dɪŋ e:n dɪŋ]

Ein Ding, ein Ding!

[aen dɪŋ aen dɪŋ]

“é um vestido que você quer?”

"Wells de dann e Kleidchen han?"

[vɛls de: dan e: kleɪtʃən ha:n]

"Willst du denn ein Kleidchen haben?"

[vɪlst du: den aen klajtçən ha:bən]

Não, mãe, não!

Nä, Moder, nü!

[nɛ: modə nɛ:]

"Nein, Mutter, nein!"

[naen mʊtə naen]

Você não é uma boa mãe,

Ehr sitt kein gode Moder,

[ɛə zɪt kaen jo:də modə]

Ihr seid keine gute Mutter,

[ɪə zajt kaenə gu:tə mʊtə]

Você não sabe o que é uma coisinha,

Ehr künnt dat Ding nit rode!

[ɛə kynt dat dɪŋ nɪt ro:də]

Ihr könnt das Ding nicht raten!

[ɪə kœnt das dɪŋ nɪçt ra:tən]

A coisinha que sua criança quer.

Wat dat Kind förn Ding well han,

[vat dat kɪnt fœən dɪŋ vɛl ha:n]

Was das Kind für ein Ding will haben,

[vas das kɪnt fy:v aen dɪŋ vɪl ha:bən]

Coisinhainhacoisinha.
Dingderlingdingding!
[dɪŋ dərɪŋ dɪŋ dɪŋ]
Dingerling, dingding, ding!
[dɪŋɡərɪŋ dɪŋdɪŋ dɪŋ]

4º verso

Oh, Mãe, eu quero ter uma coisinha!
Och Mod'r, ich well en ding han!
[ɔx modrɪç vɛl e:n dɪŋ ha:n]
Ach, Mutter, ich will ein Ding haben!
[ax mɔtə ɪç vɪl aen dɪŋ ha:bən]

“Que tipo de coisa, criança do meu coração?”
"Wat för en Ding, ming Hetzenskind?"
[vat fœ:v e:n dɪŋ mɪŋ hætsenskɪnt]
"Was für ein Ding, mein Herzenskind?"
[vas fy:v aen dɪŋ maen hætsenskɪnt]

Uma coisinha, uma coisinha!
"en Ding, en Ding!"
[e:n dɪŋ e:n dɪŋ]
Ein Ding, ein Ding!
[aen dɪŋ aen dɪŋ]

“é um marido que você quer?”
"Wells de dann ene Mann han?"
[vɛls de: dan e:nə man ha:n]
"Willst du denn einen Mann haben?"
[vɪlst du: den aenen man ha:bən]

Sim, mãe, sim!
Jo, Moder, Jo!
[jo: modə jo:]
Ja, Mutter, ja!
[ja: mɔtə ja:]

Você é uma boa mãe,
Ehr sitt en gode Moder,
[ɛə zɪt e:n jo:də modə]
Ihr seid eine gute Mutter.
[ɪə zajt aenə gu:tə mɔtə]

Você sabe o que é uma coisinha,
Ehr künnt dat Ding wahl rode
[ɛə kynt dat dɪŋ va:l ro:də]
Ihr könnt das Ding wohl raten!
[ɪə kœnt das dɪŋ vɔ:l ra:tən]

A coisinha que sua criança quer.
Wat dat Kind förn Ding well han!
 [vat dat kɪnt fœən dɪŋ vɛl ha:n]
Was das Kind für ein Ding will haben,
 [vas das kɪnt fy:v aen dɪŋ vɪl ha:bən]

Coisinhainhacoisinha.
Dingderlingdingding!
 [dɪŋ dɛrlɪŋ dɪŋ dɪŋ]
Dingerling, dingding, ding!
 [dɪŋgɛrlɪŋ dɪŋ dɪŋ]

6.3 “We kumm ich dann de Pooz erenn?”

34°. *We kumm ich dann de Pooz erenn?* *Kölnisch;* do ciclo de
 canções *Deutsche Volkslieder mit Klavierbegleitung*, de Johannes Brahms (1833-1897).

Título

“Como eu entro pela porta,
“We kumm ich dann de Pooz erenn,
 [ve: kʊm ɪç dan de: pɔ:ts ere:n]
“Wie komm ich denn zur Tür herein,
 [vi: kʊm ɪç den tsʊɐ ty:v heraen]

1º verso

“Como eu entro pela porta,
“We kumm ich dann de Pooz erenn,
 [ve: kʊm ɪç dan de: pɔ:ts ere:n]
“Wie komm ich denn zur Tür herein,
 [vi: kʊm ɪç den tsʊɐ ty:v heraen]

Diga, querida, diga?”
sag do, mi Leevche, sag?”
 [za:x do: mi le:fjə za:x]
sag du, mein Liebchen, sag?”
 [za:k du: maen li:pçen sa:k]

“Pegue o anel e abra a tranca,
“Nemm der Ringk un schött de Klingk,
 [nem dɛɐ rɪŋk ʊn şœt de: klɪŋk]
“Nimm den Ring und zieh die Klink
 [nɪm den rɪŋ ʊnt tsi: di: klɪŋk]

Então a mãe vai pensar que é o vento,
dann meint ming Mod'r et däät der Wind,
[dan maent mɪŋ modərət dɛ:t de:v vɪnt]
dann meint die Mutt'r es wär der Wind,
[dan maent di: mʊtʁəs vɛr de:v vɪnt]

Venha, querido, venha!”
komm do, mi Leevche, komm!”
[kɔm do: mɪ le:fjə kɔm]
komm du, mein Liebchen, komm!”
[kɔm du: maen li:pçen kɔm]

2º verso

“Como eu passo pelo cão,
”We kumm ich dann wahl lans der Hungk,
[ve: kʊm ɪç dan va:l lans de:v hʊŋk]
”Wie komm ich denn vorbei dem Hund,
[vi: kɔm ɪç den fɔrbaj de:m hʊnt]

Diga, querida, diga?”
sag do, mi Leevche, sag?”
[za:x do: mɪ le:fjə za:x]
sag du, mein Liebchen, sag?”
[za:k du: maen li:pçen za:k]

“Dê ao cão uma palavra amigável,
”Gevv dem Hungk jet gode Woot,
[jef de:m hʊŋk jɛt jo:də vɔ:t]
”Gib dem Hund ein gutes Wort,
[gɪp de:m hʊnt aen gu:tes vɔrt]

Então ele voltará ao seu lugar,
dann geit hä widd'r an singen Oot,
[dan jaet hɛ: vɪdər an zɪŋen ɔ:t]
dann geht er wid'r an seinen Ort
[dan ge:t e:r vi:tr an zaenen ɔrt]

Venha, querido, venha!”
komm do, mi Leevche, komm!”
[kɔm do: mɪ le:fjə kɔm]
komm du, mein Liebchen, komm!”
[kɔm du: maen li:pçen kɔm]

3º verso

“Então como eu passo pelo fogo,
”We kumm ich dann wahl lans et Föör,
[ve: kʊm ɪç dan va:l lans et fœ:v]
”Wie komm ich denn vorbei dem Feuer,
[vi: kɔm ɪç den fɔrbaj de:m fœjə]

Diga, querida, diga?”
sag do, mi Leevche, sag?”
[za:x do: mi le:fjə za:x]
sag du, mein Liebchen, sag?”
[za:k du: maen li:pçen za:k]

“Ponha um pouco de água nele,
"Schött en besche Wasser dren,
[ʃœt e:n besjə vasə dre:n]
"Schütt ein bischen Wasser drein,
[ʃʏt aen blsçen vasə draen]

Então a mãe vai pensar que está chovendo,
dann meint mīng Mod'r et rühnt erenn
[dan maent mɪŋ modərət rɛ:nt ere:n]
dann meint die Mutt'r es regnet 'rein,
[dan maent di: mʊtrəs regnet raen]

Venha, querido, venha!”
komm do, mi Leevche, komm!”
[kɔm do: mi le:fjə kɔm]
komm du, mein Liebchen, komm!”
[kɔm du: maen li:pçen kɔm]

4º verso

“Então como eu subo as escadas,
"We kumm ich dann de Trapp erop,
[ve: kɔm ɪç dan de: trap ɛrop]
"Wie komm ich denn die Trepp hinauf,
[vi: kɔm ɪç den di: trɛp hinawf]

Diga, querida, diga?”
sag do, mi Leevche, sag?”
[za:x do: mi le:fjə za:x]
sag du, mein Liebchen, sag?”
[za:k du: maen li:pçen za:k]

“Basta pegar os sapatos na mão
"Nemm dīng Schohn wahl in de Hand
[nem dɪŋ ʃɔn va:l in de: hant]
"Nimm die Schuh nur in die Hand
[nim di: ʃu: nu:ɐ in di: hant]

E rastejar ao longo da parede,
un fusch dich 'su jet lans de Wand,
[ʊn fuʃ dɪç su: jet lans de: vant]
und schleich dich leis entlang der Wand,
[ʊnt ʃlajç dɪç lajs entlang dɛɐ vant]

Venha, querido, venha!”

komm do, mi Leevche, komm!”

[kɔm do mɪ le:fjə kɔm]

komm du, mein Liebchen, komm!”

[kɔm du maen li:pçen kɔm]

CONCLUSÃO

A síntese do trabalho mostrou o papel das variantes linguísticas, apresentando uma introdução sucinta sobre o assunto, discutindo conceitos importantes da área. Exibiu-se os tipos de variação e como ocorrem, discutiu-se ainda o papel das variantes em relação à linguagem normativa das línguas sob conceitos variacionistas da sociolinguística.

Em seguida trabalhou-se a questão das variantes aplicadas ao repertório vocal, introduzindo uma breve discussão sobre a tradição de ensino da variante normativa no canto. Em seguida, apresentou-se os diferentes indicadores de variantes em obras vocais, exemplos práticos no repertório brasileiro e alemão, bem como os recursos disponíveis para o intérprete que deseje se aprofundar no assunto.

Na sequência, evidenciou-se a questão das variantes linguísticas na língua alemã, contextualizadas linguisticamente e historicamente. Apontou-se os processos de reformas ortográficas e, posteriormente, por meio de mapas, os principais grupos dialetais e suas influências geográficas.

Após, apresentou-se o dialeto de Colônia, sua localização geográfica e influências, bem como uma breve caracterização da sua gramática, chamando a atenção para os materiais disponíveis para o estudo do dialeto.

Então, as características gerais do dialeto de Colônia foram evidenciadas. Mostrou-se, através de tabelas, características fonéticas variáveis dos principais sons consonantais e vocálicos do dialeto.

Por fim, os conceitos esclarecidos anteriormente foram aplicados, por meio do método de trabalho proposto, em duas canções do repertório vocal, resultando em um material objetivo e prático de auxílio ao intérprete no que diz respeito à performance de obras vocais, cujo texto esteja escrito no dialeto de Colônia.

Levando em conta todo o contexto abordado, finalmente, este trabalho não busca levantar uma discussão acerca de “correto ou incorreto” ou “bom ou ruim” em relação ao uso da linguagem, até porque a própria gramática “normativa” é também uma variante linguística (eleita por fatores históricos, econômicos ou políticos particulares de cada lugar). De um ponto de vista pessoal, tanto a linguagem normativa quanto suas variantes têm importâncias equivalentes, esta caracteriza a expressão artística e a individualidade, enquanto aquela nos unifica como povo. Este trabalho busca justamente inspirar e aumentar as possibilidades de escolha do intérprete, dando enfoque às variantes não normativas para que a performance seja feita de forma consciente e para que o intérprete tenha poder de escolha para eleger a variante que melhor julgar adequada às suas pretensões artísticas, e não apenas estar sujeito ao estudo de regras normativas da língua em questão.

Enfim, esse trabalho apresentou não apenas um olhar através do campo da pesquisa, mas também sob o âmbito da performance, de modo que, estar entre esses dois conceitos de frentes de trabalho levou-me a um terceiro lugar, o de pesquisadora-artista, onde a pesquisa fornece as ferramentas para o enriquecimento pessoal e da performance.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRECHT, Lea. *Dicionário explora idioma alemão e suas variantes*. [s.l][s.n] 2016. Disponível em: < <https://p.dw.com/p/2U1Sl>>. Acesso em: out. 2020.

ALTES VOLKSLIED Och, Mutter, ich well en Ding han! Kölsche lieder, Kölsche Sippschaff. J.P.Bachem, S.61.

BALLESTERO, Luiz R. As variantes linguísticas no repertório vocal brasileiro: presença de elementos diferenciadores e recursos no preparo da interpretação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL A LINGUA PORTUGUESA EM MÚSICA, 2012, Lisboa. ISBN: 978-989-97732-3-3. Publicação eletrônica disponível em: <<http://www.caravelas.com.pt>> p. 218-226.

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística 1: Objetos teóricos*. 6ª edição. Editora Contexto, 2002. p. 121-141.

BHATT, Christa. *Die zehn wichtigsten Aussprache und Schreibregeln kurz zusammengefasst: Die Kolschen schreibregeln*. [s.l]:[s.n][s.n]. Disponível em: <<https://www.koelsch-akademie.de/sprache/sprachlehre/aussprache-und-schreibregeln/>>. Acesso em: nov. 2020.

BRAHMS, Johannes. *49 Deutsche Volkslieder mit Klavierbegleitung, WoO 33.33*. Och Moder, ich well en Ding han! Kölnisch. Leipzig. Breitkopf & Härtel, 1926. Partitura.

BRAHMS, Johannes. *49 Deutsche Volkslieder mit Klavierbegleitung, WoO 33.34*. Wie komm ich denn zur Tür herein? Kölnisch. Leipzig. Breitkopf & Härtel, 1926. Partitura.

BUTTERS, Ronald R. Dialect Variants and Linguistic Deviance. *Foundations of Language, [S. l.]*, v. 7, n. 2, 1971. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25000528>. p. 239–254.

CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008. p.1-8.

DAMRAU, Diana; DEUTSCH, Helmut. Wie komm ich denn zur Tür herein. Compositor: Johannes Brahms. In: DAMRAU, Diana; DEUTSCH, Helmut. *Lieder*. Orfeo, 2008. 1 CD. Faixa 26.

DOMENECK, Ricardo. *Bibliothek: O alemão e seus dialetos*. DW.COM. 2017. Disponível em: < <https://p.dw.com/p/2hUkJ>>. Acesso em: out. 2020.

GEMMILL, Gerda. The Derivation of Underlying Stops in Cologne Dialect. *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik, [S. l.]*, v. 43, n. 2, 1976. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40501127>. p. 129–141.

GUSSENHOVEN, Carlos; PETERS, Jrg. A tonal analysis of Cologne Schrfung. *Phonology*, [S. l.], v. 21, n. 2, 2004. DOI: 10.1017/S0952675704000211. p. 251–285.

HERRWEGEN, Alice. Kolsch Grammatik. [s.l] [s.n] [s.n]. Disponível em: < <https://www.koelsch-akademie.de/de/sprache/sprachlehre/grammatik/>>. Acesso em: nov. 2020.

MÖDERLER, Catrin. 1901: *Unificação da ortografia alemã*. DW.COM. [s.n.],[s.n.]. Disponível em: < <https://p.dw.com/p/2Q6I>>. Acesso em: out. 2020.

MONTGOMERY, Cheri. German. In: RETZLAFF, Jonathan; MONTGOMERY. *Exploring Art Song Lyrics Translation and Pronunciation of the Italian, German & French Repertoire*: By Jonathan Retzlaff with IPA transcriptions by Cheri Montgomery. Nova York: Oxford University Press, 2012, p.539.

PILZ, Thomas; ERNST-GERLACH, Andrea; KEMPKEN, Sebastian; RAYSON, Paul; ARCHER, Dawn. The Identification of Spelling Variants in English and German Historical Texts: Manual or Automatic? *Literary and Linguistic Computing*, [S. l.], v. 23, n. 1, 2008. DOI: 10.1093/lc/fqm044. p. 65–72.

SILVEIRA, Marcelo; TUBERTINI, Laís; MARINHO, Georgia (Org.). *História I-Aula 11: Germânicos, Bizantinos e Árabes*. Povos bárbaros: germânicos. In: Livro integrado 1: Pré-Universitário:3º série. 11º ed. Fortaleza: Sistema Ari de Sá de Ensino, 2020. p.14-15.

SILVEIRA, Marcelo; TUBERTINI, Laís; MARINHO, Georgia (Org.). *História I-Aula 17: Reformas protestantes e a Contrarreforma Católica*. Um monge desafia a Igreja: Lutero e o início da Reforma na Alemanha. In: Livro integrado 3: Pré-Universitário:3º série. 11º ed. Fortaleza: Sistema Ari de Sá de Ensino, 2020.p.3.

SILVEIRA, Marcelo; TUBERTINI, Laís; MARINHO, Georgia (Org.). *História I-Aula 32: A política das nacionalidades*. As unificações alemã e italiana. In: Livro integrado 4: Pré-Universitário:3º série. 11º ed. Fortaleza: Sistema Ari de Sá de Ensino, 2020.p.53-54.

STOKES, Richard. *Och Moder, ich well en Ding han!*: text and translation .[s.l],[s.n],[s.n]. Disponível em:< <https://www.oxfordlieder.co.uk/song/256>>. Acesso em: nov. 2020.

STOKES, Richard. *Wie komm' ich denn zur Tür herein*: text and translation. [s.l],[s.n],[s.n]. Disponível em< <https://www.oxfordlieder.co.uk/song/802> >. Acesso em nov. 2020.

THE very best of Christa Ludwig. Johannes Brahms et al.(compositores) Christa Ludwig et al.(intérpretes). CD Faixas 18 e 19. EMI Records 2003.

WASSERRAB, Jutta. *Coloniano, o dialeto melódico*. DW.COM, [s.n.] ,2016. Disponível em: < <https://p.dw.com/p/6ZUf>>. Acesso em: nov.2020.

WIPPERFÜRTH, Hans; BRAHMS, Johannes. *Jangk, bliev nit stonn!*: "Wie kumm ich dann de Pooz eren?[s.l] Karlsruhe[s.n]. Disponível em:< <https://www.koelsch-akademie.de/liedersammlung/song/wie-kumm-ich-dann-de-pooz-eren/>>. Acesso em: nov.2020.

